

“Plínio Salazar?” o integralismo luso-brasileiro de Plínio Salgado.

Leandro Pereira Gonçalves¹

A principal composição política do movimento integralista esteve presente no pensamento do líder, Plínio Salgado. Pertencente a uma família conservadora e tradicional do interior paulista, nasceu em 1895, na cidade de São Bento do Sapucaí. Ainda jovem foi para São Paulo onde se destacou nos anos de 1920 no modernismo; para posteriormente formar, na década seguinte, o primeiro movimento de massa do Brasil: a AIB. Com matrizes múltiplas, Salgado tinha como propósito a construção de uma doutrina política original, no entanto a circularidade de ideias do período fez com que o Chefe sofresse influências consideráveis para a formação de seu pensamento. Buscou em Portugal o exemplo doutrinário, o Integralismo Lusitano (IL): um movimento de cunho nacionalista da direita radical com visível formação embasada na precursora do conservadorismo, a *Action Française*; que, assim como todos os grupos políticos do princípio do século XX, estabeleceram uma resposta prática para à teoria proferida pelo Papa Leão XIII, em 1891, através da *Rerum Novarum*. Após a influência lusitana na formação do pensamento pliniano e a idealização do integralismo, novamente Portugal foi um destaque na organização doutrinária de Plínio Salgado, quando passou os anos de 1939 a 1946 no exílio, durante o período do Estado Novo getulista, momento que utilizou para reordenar o seu pensamento, ações e articulações políticas, tendo a vertente do espiritualismo católico como força central. Com o fim do período ditatorial varguista, retornou para o Brasil com a afirmação de ser um luso-brasileiro, passando a ser um defensor supremo da política de António de Oliveira Salazar, imagem que seguiu até o fim da vida.

Com a aproximação do fim do Estado Novo getulista, Plínio Salgado teve, como consequência natural, o regresso ao Brasil e o ano de 1945 foi de duplo sentido para o autor.

¹ Professor Substituto do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Brasil (PUC-SP) com estágio (Junior Visiting Fellow) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Investigador estrangeiro associado do Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa (UCP). Estudo realizado com auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil). Artigo inspirado na tese de doutoramento: GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. 2012. 668f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

Havia a necessidade de manter a base organizacional do cristianismo e o estabelecimento de uma versão “Plínio pós-guerra”. Dessa forma, caminhou em três ações: a manutenção das ações para o fortalecimento como intelectual católico; a consolidação de uma nova composição metodológica através da Democracia Cristã; e as articulações políticas que precisavam ser construídas para um bom regresso para o seu estabelecimento no Brasil, além da consolidação do Partido de Representação Popular (PRP). Para o sucesso do projeto, havia um modelo exemplar a ser seguido: António de Oliveira Salazar.

Detentor de uma política autoritária com fortes dogmas católicos, inclusive com apoio da Igreja Católica, e ao mesmo tempo, sem entrar no contexto de fascitização, sobrevivendo no pós-segunda guerra, Salazar promoveu uma espécie de sedução a Plínio, que tentou transportar para a nova versão política brasileira, projetos e ideias semelhantes aos de Portugal do Estado Novo, em uma tentativa clara de restituir o integralismo, mas sem a concepção fascista da década de 1930. Para isso, cercou-se de projetos cristãos, em um discurso democrático, – novo contexto brasileiro pós-Vargas – corroborando com as palavras de Pio XII proferidas na mensagem radiofônica natalina de dezembro de 1944, além da fixação do discurso explicitado no CADC em conferência sobre a Democracia Cristã, estabelecendo qual era o seu objetivo político daquele momento. Havia um desejo de transposição do intelectual católico Salazar para o intelectual Salgado, sendo que no exílio, consolidou sua imagem como líder cristão e defensor do catolicismo.

Após o exílio, vê-se o tempo do último suspiro em busca do poder, mostrando ser, além de um seguidor do modelo salazarista, um líder intelectual sem a mesma força de antes, mas que alcançava certa projeção no cenário nacional na égide do PRP e, após 1964, quando passou a ser um dos sustentáculos discursivos de apoio ao golpe civil-militar, passando a figurar de forma, tímida em 1965, na Aliança Renovadora Nacional (ARENA), seu espaço político até 1974, ano de sua aposentadoria.

A proposta, portanto, é focar as novas relações de influência em torno das matrizes discursivas que tem como base Portugal; compreendendo, em um primeiro momento, como ocorreu o retorno de Plínio Salgado ao Brasil e a continuidade do pensamento luso-brasileiro, mesmo após o exílio. O autor passou, então, a ser um dos principais defensores dos interesses portugueses na política brasileira, com discursos inflamados a favor do Estado Novo,

notadamente de seu líder Oliveira Salazar, imagem seguida até a morte do português, em 1970. Além do mais, a defesa de Portugal continuou sob a égide de Marcello Caetano, sucessor na liderança do país até 25 de abril de 1974,² momento em que ocorreu a destituição do Estado Novo com a Revolução dos Cravos. Consolidou-se assim a democracia no país, após quatro décadas, período que coincidiu com a aposentadoria de Plínio Salgado da vida política. Há um paralelo entre Plínio Salgado e Portugal que pode ser notado após o exílio. Os sete anos vividos na Europa foram cruciais para a compreensão da nova fase do autor no Brasil que, aliada à formação originária em São Bento do Sapucaí e a toda sua experiência política, cultural e intelectual, formou uma nova concepção de organização no contexto democrático brasileiro.

Durante todas as fases da vida, Plínio Salgado sempre se manteve fiel ao catolicismo. Em alguns momentos, usou a religião como justificativa política, mas a relação com os dogmas da Igreja Católica sempre estiveram presentes no pensamento discursivo do autor tornando-se uma poderosa matriz cultural. Após o exílio, era necessário criar uma nova concepção política e os anos vividos em Portugal mostraram ao integralista a possibilidade de um novo projeto, através de uma organização doutrinária semelhante ao Estado Novo de Oliveira Salazar. O Presidente do Conselho de Ministros deteve o poder em suas mãos de forma ininterrupta durante anos, sobrevivendo, inclusive, a queda dos regimes totalitários europeus após 1945. O salazarismo passou a ser uma espécie de desejo oculto de Plínio Salgado, que, aliado ao sentimento luso-brasileiro, propunha uma política semelhante à organização existente em Portugal.

No Fundo Plínio Salgado do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, há uma série de livros, panfletos e materiais diversos que o autor trouxe no momento do exílio e que recebeu posteriormente de amigos lusitanos. O material consiste em documentos que tem o único objetivo de exaltar a imagem de Salazar e conseqüentemente do Estado Novo, mostrando assim que dedicava-se a leituras relativas à política portuguesa. No Brasil, o integralista manifestava constantemente posições de apoio ou exaltação à política salazarista, notadamente quando interesses de Portugal estavam envolvidos na política nacional. Em 05

² Sobre Marcello Caetano: Cf. MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. Marcello Caetano e a modernidade possível no Estado Novo português. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis (Org.). *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

de junho de 1956, em comemoração ao 30º aniversário da “Revolução Nacional” de 28 de maio, que estabeleceu o fim da Primeira República, marco de inauguração do regime ditatorial português, Plínio esteve no salão nobre da Casa do Porto do Rio de Janeiro e proferiu eloquentes elogios a Salazar. Com repercussão na imprensa de Portugal, o *Diário da Manhã* noticiou que o integralista acentuou que:

[...] sob a égide de Salazar se operou em Portugal, em todos os aspectos, a renovação dos grande valores. Aplaudido frequentemente pela assistência que enchia por completo a sala, o orador fez um esboço histórico das últimas três décadas da Vida Nacional portuguesa, afirmando que Salazar antes de se dedicar à restauração financeira pensou na restauração espiritual, sem a qual é impossível resolver qualquer situação, seja ela qual for.³

A política salazarista era convergente e determinante para um novo projeto pliniano e a situação dos dois países representava uma possibilidade de ligação, tendo Plínio Salgado como o elemento central da nova proposta política-espiritual. A crise que o líder português encontrou no fim da década de 1920 era comparada por Plínio Salgado com a crise do Brasil nas décadas de 1950 e 1960, elementos que serão abordados no decorrer do capítulo. Na sua visão, havia um momento favorável para a proposta salazarista brasileira sob a égide da nova organização política, o PRP, sendo que reflexos existiram inclusive no período ditatorial a partir de 1964.

A preparação para a implantação e consolidação do salazarista pliniano e do novo modelo político foi intensificada antes do retorno ao Brasil. Com um discurso religioso, justificando que a política não era prioridade, iniciou o ano de 1945 com grandes avanços intelectuais católicos e ao mesmo tempo de articulações, uma vez que Getúlio Vargas sinalizava desgaste, no contexto da Segunda Guerra Mundial, através de uma crescente oposição ao Estado Novo que exigia a democratização. O líder dos integralistas continuou com a mesma estratégia utilizada durante o exílio: negar publicamente a política. Em entrevista à agência de notícias *United Press International*, em março de 1945, estabeleceu a visão em torno do Plínio católico e perseguido por Vargas e por isso, um homem que não poderia entrar fielmente na política, por respeito aos portugueses e pela censura imposta por

³ Caloroso elogio de Salazar e do Estado Novo num discurso de Plínio Salgado. *Diário da Manhã*. Lisboa, 05 jun. 1956.

Getúlio, ou seja, o mesmo discurso do desembarque em Portugal em 1939. Pelo intermédio de Adolfo Vieira da Rosa, diretor da agência telegráfica *United Press*, em Lisboa, destacou:

Meu silêncio na imprensa estrangeira sobre assuntos políticos brasileiros quer nacionais quer internacionais, foi-me por mim imposto como homenagem a hospitalidade portuguesa, enquanto perdurasse em meu país a rigorosa censura que, permitindo contra mim e meus amigos ataques violentos e injustos, jamais consentiu que se erguesse uma única palavra em minha defesa. Entendi que, não podendo manifestar-me livremente no Brasil, não seria elegante trazer para fora de suas fronteiras discussão de assuntos que dizem respeito unicamente a minha pátria.⁴

Plínio afirmou que foi alvo de vários pedidos de entrevistas e depoimentos políticos, no entanto, todas recusadas; mas, como a conjuntura política brasileira passava por um processo de alteração, sentia-se livre para analisar a situação do país. Salgado sabia muito bem que era desnecessário e desgastante estabelecer um discurso anti-Vargas (correndo o risco de ser acusado de antinacionalista), pois a política brasileira não criava espaços para a sua doutrinação de forma imediata, posição encontrada com fertilidade em Portugal, sendo esse discurso utilizado para a criação de uma imagem pliniana brasileira do pós-guerra, por isso fez questão de afirmar o caráter antitotalitário do integralismo e a proclamação do Brasil contra o Eixo. Em 1945, não poderia ter outra atitude. A consolidação cristã alcançada em Portugal era preparada para atravessar o Atlântico, com isso, buscou em sua história os ensinamentos do cristianismo, fixando assim, não ser uma novidade esse discurso religioso.⁵ Não era algo novo, mas a concepção da palavra caminhava em um sentido de reorientação e de prioridades em um momento novo que o mundo estava iniciando e aprendendo a viver após um conflito de proporções estrondosas.

No entanto, a concepção política ainda não era a base discursiva de Plínio Salgado, isso, publicamente; pois, internamente, era notório que articulações estavam sendo montadas para a consolidação de seu nome no novo partido, mas como a intenção do integralista sempre foi criar uma imagem neutra e o momento em Portugal não era de visibilidade política e, sim, religiosa (mas com preceitos políticos), afirmou: “Não sou candidato, nada quero para mim, a única coisa que desejo é ver um Brasil feliz na sua base cristã com um governo

⁴ SALGADO, Plínio. Entrevista à *United Press International*, março/1945, intermédio do diretor Adolfo Vieira da Rosa. (Fundação Casa de Rui Barbosa/Ribeiro Couto. Pit).

⁵ SALGADO, Plínio. Entrevista à *United Press International*, março/1945, intermédio do diretor Adolfo Vieira da Rosa. (FCRB/RC Pit).

suficientemente forte para garantir liberdades justas, o respeito a pessoa humana, a justiça social, a independência e a honra da Nação”.⁶

No mês seguinte, foi entrevistado pela agência internacional *Associated Press* e, mais uma vez, fez questão de focar o momento católico que vivia e a “despreocupação” com a política, ou com uma possível candidatura às eleições de 1945: “Só lhe digo que não sou candidato nem desejo tirar nenhum proveito político para mim ou meus amigos. O que desejo é a felicidade de minha Pátria, na sua base cristã, na sua grandeza moral e cultural” (SALGADO, 1950: 203). Sendo o cristianismo a matriz da nova política, passou a ocorrer um processo de solidificação do histórico e da vida de Plínio Salgado em Portugal para assegurar que o objetivo de suas concepções não era associar-se a nenhum grupo totalitário (em decadência) e estabeleceu que possuía apoio dos prelados da Igreja Católica, principalmente após a fixação das ideias pautadas em *Vida de Jesus*: “As minhas ideias e convicções em matéria social, moral, e religiosa estão no meu livro *Vida de Jesus*, que é resumo de todo o meu pensamento que representa uma obra de meditação durante dez anos, desde 1930 a 1940” (SALGADO, 1950: 203). Com essa visão, taticamente Plínio atribuiu publicamente o não retorno à política devido à cristalização teológica estabelecida em Portugal.

No entanto, era notório que esse discurso nada mais era do que uma estratégia momentânea no sentido de arregimentar e inflamar seus doutrinados e principalmente articular-se, impedindo a divulgação pública de determinadas estratégias políticas, mas era claro que o retorno do integralista para o Brasil representaria a volta para a política, até mesmo porque, ele nunca o deixara de ser em Portugal. Isso pode ser notado em uma correspondência trocada com o secretário particular, Hermes Malta Lins e Albuquerque que analisou o momento e a necessidade de ocultismo político:

Não posso compreender como seria possível a utilização da nossa grande força política nas próximas eleições sem primeiro sacudirmos a lama torpe de 13 anos!!! de ataques absurdos, culminando a partir de 38. Receio que estejamos sujeitos a nova campanha, mas creio que, a par de vários processos de calúnias, poderemos reunir os melhores elementos de defesa. Vamos ver como se porta o acusador Getúlio Vargas. Naturalmente despistará... ou silenciará, como de costume, quando

⁶ Ibidem

as coisas cheiram a compromissos. A não ser que já tenha vendido a alma ao Diabo em troca do Fiquismo.⁷

Lins e Albuquerque expressou o receio em assumir uma posição política em um momento de instabilidade que o Brasil vivia na “promessa” de Vargas por uma democratização. Nesse ambiente, uma possível entrada dos integralistas na política representava um receio aos líderes do movimento, principalmente por não saber qual seria a reação do governo a esse retorno no cenário brasileiro, até mesmo porque não existia certeza do fim do Estado Novo, como afirmou Lins, no fim da carta, ao expressar a possível venda da alma do Diabo em troca do “fiquismo” no poder político nacional. Dessa forma, em volta a tanta instabilidade, a medida mais segura era continuar com o discurso público oficial de cristianização ao contrário de uma possível ação política.

Ao mesmo tempo, verificou a necessidade de criar uma propagação, mesmo com o problema da distância, contrária ao regime Vargas, pois sabia que a continuidade do Presidente era sinônimo de impossibilidade de futuro poder, sendo tal questão expressa em matéria vinculada no jornal *Diário da Noite*, em março de 1945, quando o periódico carioca estampou em suas páginas: “Um mergulho no *underground* integralista. Plínio condenou Vargas e apoiou a candidatura Dutra”.⁸ A sua liderança era aguardada pelos integralistas que ainda juravam obediência ao Chefe.

Expectativa e ansiedade rondavam os integralistas com o seu possível retorno. Fato que demorou, pois o líder terminou seu exílio somente em agosto de 1946, no entanto as articulações foram intensificadas em 1945. Havia uma probabilidade de que o líder dos integralistas fundasse no Brasil um novo partido, pensavam no Partido Social Cristão, devido à devoção de Plínio nos últimos anos.⁹ A relação católica era expressa em todos os sentidos para caracterizar o novo político que foi formado em Portugal, conforme o *Diário da Noite*: “Amigo íntimo do cardeal Cerejeira, o Sr. Plínio Salgado é hoje em dia um adepto entusiasta dos rumos político-sociais contidos na *Rerum Novarum*, de Leão XIII”.¹⁰ Havia um voto de

⁷ Correspondência de Hermes Malta Lins e Albuquerque a Plínio Salgado, 11 maio 1945 (Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/Fundo Plínio Salgado-Pi 11.05.45/3). (grifo do autor).

⁸ Um mergulho no “underground” integralista. Plínio Salgado condena Vargas e apoia a candidatura Dutra. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 28 mar. 1945.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*.

confiança dos integralistas nele que enxergavam no líder, não só uma força política, mas também uma liderança religiosa, notadamente após a formação doutrinária e catequética em Portugal.

Em maio de 1945, foi publicada, no jornal *Diário de Notícias* de São Paulo, uma *Carta aberta à nação brasileira*. Documento assinado por diversos integralistas opondo-se às calúnias em relação ao movimento e internamente deixando transparecer que esperavam orientações do ainda, Chefe.

A publicação da *Carta Aberta à Nação* criou uma crescente expectativa acerca das instruções que estariam sendo enviadas de Portugal por Plínio Salgado, com o que foram gerados diversos e contraditórios boatos. Irrradiado de Portugal, enviado por navio ou por avião, era esperado o pronunciamento do chefe no exílio. (CALIL, 2001: 135)

As orientações e novas palavras aos brasileiros chegaram em 1945, através do Embaixador do Brasil em Portugal, João Neves da Fontoura, portador de uma mensagem do chefe aos militantes, no sentido de informar que um novo manifesto estava sendo preparado para reordenar e reorientar os integralistas no novo período da política nacional. Foi informado de que o manifesto teria como base as concepções idealizadas na conferência *Aliança do Sim e do Não*, realizada em 1944.¹¹ As novas teorias plinianas representavam um processo evolucionista que tinha como matriz o discurso constituído em São Bento do Sapucaí, que foi consolidado em São Paulo e cristalizado em Portugal, onde alcançou legitimidade para o estabelecimento de sua doutrinação católica.

A preocupação momentânea era estabelecer um vínculo direto e específico entre integralismo e democracia, fixando assim, a convergência entre os dois pontos. A frase: “Não há como separar o integralismo da Democracia”¹² circulou em vários periódicos brasileiros na tentativa de analisar a liberdade do movimento, a aversão ao autoritarismo, à força e à violência.

¹¹ Ibidem.

¹² Exemplo pode ser conferido em: *A Manhã*, Rio de Janeiro, 06 maio 1945 e *Idade Nova*. Rio de Janeiro, 17 fev. 1949.

A busca pelo esquecimento autoritário ocorreu oficialmente em julho de 1945 quando o *Manifesto-Diretiva* foi divulgado, com repercussões tanto em Portugal quanto no Brasil.¹³ No documento, reafirmou a visão espiritualista destinada à política democrática brasileira em uma concepção católica e antitotalitária, que eram posições necessárias para a sobrevivência política no Brasil novo que estava sendo almejado com a democratização. Pela necessidade extrema de agir em nome de uma democracia, precisava mostrar coerência política, principalmente em torno do ponto mais deliciado de sua doutrinação: o fascismo. No *Manifesto-Diretiva*, utilizou como referência diversos documentos da década de 1930 para mostrar que a proposta de 1945 não era uma nova criação e sim uma ferramenta de continuidade, no entanto, um esforço vazio, pois o passado fascista não foi esquecido, mesmo porque, o próprio autor escreveu em suas obras elementos de aceitação a tais doutrinas.

O *Manifesto-Diretiva* tornou-se uma espécie de recado aos militantes e ao mesmo tempo um direcionamento de ação, não por coincidência “a aprovação dos Estatutos do Partido de Representação Popular ocorreu em 26 de setembro, apenas 15 dias depois da publicação do *Manifesto-Diretiva* na imprensa” (CALIL, 2001: 139-140).

Através desse documento, atingiu a militância e ainda alcançou apoio da intelectualidade portuguesa; que, mesmo estando fora do processo político brasileiro, apoiou com veemência as ações do amigo integralista, com foi o caso de Alberto de Monsaraz que afirmou em tom de manifesto:

Entre as maiores riquezas, que hoje em dia o Brasil possui, avulta o nome e o prestígio de Plínio Salgado, fecunda reserva de Esperança para a hora futura – que Deus queira próxima – em que todos os ódios se cansem e se desiludam todas as fantasias: a hora, certa e definitiva, das grandes realidades nacionais. [...] Todos os brasileiros não integralistas com os quais, para efeitos eleitorais, os integralistas, ao seu mando, vão ligar-se, acabarão finalmente por ser, eles também, perfeitos e lealíssimos integralistas.¹⁴

Vê-se um apoio e um discurso no sentido de motivá-lo ainda mais na política nacional. A maior “novidade” do documento estava na mudança do eixo de ação, antes o foco de combate era o comunismo e o liberalismo, a partir do documento, oficialmente passou a ser o

¹³ Publicado em vários periódicos, alguns exemplos em Portugal: *Boa Nova*, Cantanhede, 13 out. 1945, *A Guarda*, Guarda, 05 out. 1945. No Brasil foi publicado na íntegra por: *Folha da Manhã*, São Paulo, 09 set. 1945.

¹⁴ Correspondência de Alberto de Monsaraz a Plínio Salgado, 20 nov. 1945 (APHRC/FPS-L 45.11.20).

comunismo e o nazi-fascismo que foi apresentado como originários do mesmo gestor, o materialismo. Ao lado do famoso manifesto, escreveu um manuscrito, não publicado intitulado *Confusão: clima do bolchevismo*, que auxilia a compreensão de suas propostas. No texto os mesmos apontamentos das décadas anteriores foram estabelecidos como males da sociedade mundial, no entanto com uma nova forma de caracterizar o movimento e a ação de luta contra o mal soviético, denominado por “nazismo russo” e representantes da “quinta-coluna nazista”.¹⁵ Passou a desenvolver uma nova concepção política no pós-guerra, associando o “inimigo mundial”, nazismo, ao comunismo, elemento de eterno combate.

A sua proposta para combater o mal comunista estava justamente na organização de uma agremiação política nacionalista e cristã, ou seja, o PRP, um partido de cunho cristão e nacionalista, tendo o anticomunismo como um de seus pilares de sustentação, com suas concepções consolidadas em Portugal para uma posterior organização no Brasil. Uma cena política estava sendo cuidadosamente preparada e, ao mesmo tempo, as atividades doutrinárias sendo mantidas. Ele não perdia nenhuma oportunidade para aparecer politicamente, principalmente quando menções ao Brasil eram feitas.

Os anos de 1945 e 1946 foram estabelecidos pela continuidade do catolicismo pliniano, uma necessidade para a sua consolidação intelectual. A Democracia Cristã como matriz central, principalmente após a conferência em Coimbra e mais notadamente com o *Manifesto-Diretiva*, além do estabelecimento de uma organização partidária para um retorno sólido e definitivo na política brasileira, passou a ser uma realidade em 1946.

Seu retorno foi cercado de dificuldades envolvendo sua recepção no Brasil. Havia um clima desfavorável ao integralismo, o passado pliniano e a associação direta com o fascismo não eram esquecidos por grupos políticos e sociais, promovendo dificuldade para o reestabelecimento do autor e sua esposa, além do fato de haver rupturas de antigos líderes com Plínio Salgado, contribuindo para o enfraquecimento do novo projeto. “De volta Plínio Salgado”¹⁶ estampava o jornal *Diário da Noite*, sendo que, desde o início de 1946, notícias eram vinculadas no sentido de expressar o retorno do líder integralista ao Brasil, principalmente no período em que a organização política democrática brasileira estava sendo estabelecida após o Estado Novo. O *Diário de Notícias* divulgou: “Notícia-se que Plínio

¹⁵ SALGADO, Plínio. *Confusão: clima do bolchevismo* (APHRC/FPS-089.010.001).

¹⁶ De volta Plínio Salgado. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 08 jun. 1946.

Salgado, que há muitos anos vivia em Portugal, vai regressar ao Brasil. Fixando residência, possivelmente, em São Paulo”.¹⁷ Com essa notícia, um clima de alvoroço foi estabelecido na capital paulista. Os dias que seguiram foram de manifestações contrárias à presença do líder integralista em São Paulo, em grande parte da imprensa.

Além do passado, a relação amistosa com Salazar não era vista com bons olhos; que, na concepção de muitos, não passava de um fascista lusitano. Sua atuação em Portugal era conhecida por parte da sociedade brasileira, mas não era algo de expressão pública, no entanto, essa atuação cristã teológica não era suficiente para o definir como um líder bem quisto, após o exílio, rotulado de “o indesejável” conforme paralelo estabelecido com Salazar no periódico *Resistência*:

Está encontrando a maior repulsa popular a anunciada vinda, brevemente, para o Brasil, do Sr. Plínio Salgado, que se acha atualmente em Lisboa. Um popular chegou a dizer, comentando o fato, que o chefe integralista não encontrará outro lugar melhor para residir do que em Portugal ao lado do ditador fascista Oliveira Salazar.¹⁸

A repulsa ao integralista era intensa e todos os seus atos eram motivos de críticas e representações contrárias no Brasil. Nesse panorama, o Chefe dos camisas-verdes regressou ao Brasil, com Carmela Salgado, após longo período de exílio.

Voltou para o Brasil, no entanto, nunca mais foi o mesmo. O retorno foi de um homem marcado pelo sofrimento e pela angústia. O integralista fora uma liderança de um momento auge da década de 1930. Após esse período de euforia nacionalista baseada no fascismo, o chefe não atingiu mais nenhum esplendor, transformando-se em um político comum e muitas vezes, solitário e esquecido pela sociedade. A proposta era reestruturar as “glórias do passado” com a arregimentação dos militantes em torno do líder, mas percebe-se que não havia muitas saudades dele no Brasil, mas não há dúvidas de que deixou saudades em Portugal, uma vez que o lamento em torno da partida do integralista percorreu meses antes e depois do embarque.

A despedida e a tristeza com a partida do apóstolo, do cavaleiro do verbo, do doutrinador dos povos – expressões usadas para caracterizar Plínio – alcançou todos os grupos

¹⁷ Regressará ao Brasil o Sr. Plínio Salgado. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 04 jan. 1946.

¹⁸ O indesejável: Prepara-se uma recepção condigna ao chefe verde. *Resistência*, Rio de Janeiro, 09 jan. 1946.

sociais e políticos conservadores de Portugal e, sempre com expressões de lamento, foi classificado como um exilado exemplar.

A relação estabelecida em Portugal foi levada por toda a vida. Antes do exílio, expressava relações com a cultura política portuguesa, após os sete anos, essas concepções transformaram o autor em um luso-brasileiro. Até o fim da vida, a defesa de Portugal na política brasileira ou em caráter mundial passou a ser uma das marcas de Plínio em uma política democrática cristã, abandonando completamente a política fascista estabelecida nos anos 1930. O jornal *Novidades*, editado pelo amigo Moreira das Neves, noticiou em 18 de agosto de 1946: “Regressou ao Brasil Plínio Salgado”.¹⁹ Era portanto o fim de um período político, mas que não representou o fim de um vínculo, como vislumbrou o conservador Amândio Cesar em correspondência de despedida quando questionou: “quando voltará novamente até nós?”.²⁰

A relação com os lusitanos continuou no Brasil, retornando para Portugal em outras oportunidades, sendo que o contato com os conservadores portugueses foram mantidos até o fim da vida. A manutenção da cultura lusa após o exílio foi marcante e com o regresso de Plínio Salgado e a elevação a Presidente do Partido de Representação Popular, a situação política voltava à cena, apesar da existência de um discurso contrário, inserindo a religião no centro das ações organizacionais do PRP. O partido foi fundado quando ainda estava no exílio, em setembro de 1945. Com pouco tempo e sem a presença do líder, a tendência natural foi apoiar Eurico Gaspar Dutra, conforme ordens vindas de Lisboa: “Com relação ao problema presidência, a maioria entende que os elementos da antiga AIB, devem apoiar o general Eurico Gaspar Dutra. Tudo depende de novas instruções que deverão chegar de Lisboa, a qualquer momento”.²¹

Transportar para o Brasil a imagem de profeta consolidada em Portugal era o seu objetivo nos primeiros momentos após o exílio, período em que foi aclamado e constantemente exaltado pela sociedade conservadora e cristã lusitana. O mesmo desejou no Brasil, para isso discursou em tom profético na Convenção do PRP, após dizer por que

¹⁹ Regressou ao Brasil Plínio Salgado que andou por Portugal a separar o Sim e o Não. *Novidades*, Lisboa, 18 ago. 1946.

²⁰ Correspondência de Amândio César a Plínio Salgado, s/d 1946 (APHRC/FPS-C.46.00.00/4).

²¹ Um mergulho no “underground” integralista. Plínio Salgado condena Vargas e apoia a candidatura Dutra. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 28 mar. 1945.

aceitou a missão de ser Presidente do partido, mesmo contra a sua vontade e constantemente fazia questão de discursar sobre a manutenção dos princípios integrais no sentido de fixar a ideia e, principalmente, na esperança de ter de volta a arregimentação dos filiados de outrora. Em 06 de abril de 1962, quando legislava como Deputado Federal e líder do PRP, discursou no Congresso Nacional em homenagem ao trigésimo aniversário da AIB, afirmando: “Leal e sinceramente o PRP reafirma que a sua doutrina é a mesma em que se baseou a Ação Integralista Brasileira, cujas atividades foram oficialmente encerradas pelo decreto ditatorial de 3 de dezembro de 1937, que suprimiu todos os partidos políticos do País” (SALGADO, 1982: 465).

Ao mesmo tempo buscava um processo de catequização e doutrinação dos filiados no sentido de promover a sequência teórica, orientando a leitura de obras básicas para a formação do integralista. Era recomendado pelo Diretório Nacional do partido que, em cada órgão municipal, existisse, à disposição dos membros, uma biblioteca, com a intenção de fomentar a cultura política integralista e o acervo deveria ser composto por vários livros de caráter nacionalista, espiritualista, anticomunista e principalmente integralista.

Nesse sentido Alfredo Chrispim, Chefe do Gabinete da Presidência do PRP – Plínio Salgado – divulgou uma lista de livros recomendados para integrar o acervo, entre eles destacam-se obras de Alberto Torres, Jackson de Figueiredo e Oliveira Viana, teóricos de influência política e inspiradora para o pensamento integralista. Obras lusitanas escritas pelos antigos amigos e companheiros de exílio, tanto em nível político como teórico, como António Sardinha, Hipólito Raposo, Rolão Preto, Leão Ramos de Ascensão e João Ameal. A lista contava ainda com vários outros nomes, dentre eles os *Discursos* do líder português, António de Oliveira Salazar, que era a inspiração do momento para ele que também integrava a lista com a indicação de todas as suas obras.²²

Tentava criar um elemento de aproximação Portugal-Brasil e para isso, não perdia nenhuma possibilidade para o estabelecimento deste canal de ligação entre as duas nações, principalmente no fator histórico, elemento que usava para estabelecer um vínculo de unidade e não de metrópole/colônia. Para o integralista, “a confraternização pátria não será completa se excluirmos aqueles que são parte legítima no processo inicial da formação paulista, por

²² Livros recomendados as Bibliotecas Municipais do PRP. *Monitor Populista*. 30 maio 1951. (Arquivo Pessoal Guilherme Jorge Figueira).

exemplo: os portugueses, fundadores da Nação, e os Jesuítas, fundadores de São Paulo” (SALGADO, 1956: 371). Passou a criar um elemento nacionalista em que os portugueses estavam inseridos e, com isso, passou a criticar aqueles que ensinavam a História do Brasil a partir de 1500, com um questionamento: “Qual a origem mais remota do Brasil?”.²³ Respondia ao afirmar que “a história do Brasil não começa em 1500, com a descoberta [...] a história do Brasil começa no instante em que Afonso Henrique funda a Monarquia Lusitana, em 1140”.²⁴ Ressaltou ainda que a fundação de Portugal – e conseqüentemente do Brasil – ocorreu “sob a égide e invocação de Maria Santíssima”,²⁵ argumento claro para catolicizar ainda mais Portugal através das suas palavras cristãs e proféticas.

Sua proposta era, no Brasil, estar cada vez mais próximo de setores católicos de cunho conservador radical, tipologia que esteve ao seu lado no exílio e que contribuiu para seu sucesso cristão. O caminho espiritualista associado ao nacionalismo era o trajeto a ser trilhado por e, para contribuir com essa legitimação no órgão representativo, PRP, fez várias viagens pelo Brasil e participou de muitas atividades com ex-militantes da AIB na intenção de consolidar seus ideais político-religiosos em solo brasileiro; pois, no lusitano, a fixação intelectual era uma realidade.

Em torno do projeto de paralelismo com o Estado Novo português e visando a convergentes projetos, verifica-se que as preocupações com Portugal foram intensificadas, principalmente devido à conjuntura internacional. A questão relacionada a Goa – Índia portuguesa – foi o primeiro dos grandes problemas que Salazar enfrentou na política colonial. (OLIVEIRA, 1989: 89). Após a independência indiana, foi iniciado o desejo de negociar com Portugal as pequenas possessões de Goa, Damão e Diu; no entanto, para Salazar, não havia o que negociar. Como Portugal não possuía formas para obrigar a Índia a aceitar sua posição, iniciou um processo de pressão até que a irritação indiana colocasse os portugueses na posição de agredidos (GONÇALVES, 2003: 79)

Como consequência, em agosto de 1954, Plínio Salgado voltou a estar na imprensa portuguesa quando protestou contra a ocupação de Goa pela Índia, ao defender o direito de Portugal sobre a colônia. Na ocasião, as Associações Portuguesas do Rio de Janeiro

²³ SALGADO, Plínio. Formação na nacionalidade brasileira. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 08 out. 1967.

²⁴ SALGADO, Plínio. *Culto a Maria Santíssima em Portugal e Brasil* (APHRC/FPS-089.014.009).

²⁵ *Ibidem*.

convocaram uma manifestação popular de brasileiros e portugueses no Real Gabinete Português de Leitura e um dos convidados foi o Plínio Salgado. O evento foi transmitido pelas Rádios Globo, Continental, Nacional e retransmitido pela Emissora Nacional de Portugal. (CALIL, 2005: 760). A defesa de Portugal no Brasil foi um dos pontos centrais da política pliniana nos anos de 1950. Na década seguinte, em um contexto de alterações políticas e crise institucional com o governo Jango, faz sua última viagem para Portugal, em maio de 1962. Ao lado de outros parlamentares, em abril, foi para Roma participar da Conferência da União Interparlamentar, antes, porém, fez uma escala em Lisboa e, no aeroporto, concedeu uma entrevista à Rádio Clube Português, com transmissão da Estação da Parede, em 19 de abril, às 17h.

[...] aqui vivi oito anos, fiz grandes amizades. Amo profundamente esta terra, não somente pelo afeto que ela despertou em mim durante esses oito anos, mas pela tradicionalidade do nacionalismo brasileiro que se enraíza em Portugal. Vou a Roma tomar parte da Conferência da União Interparlamentar, mas pretendo no dia 8 de maio volver a Lisboa para rever amigos, para matar saudades deste povo e desta terra que tanto amo.²⁶

Conforme estabelecido, retornou a Portugal e, durante 1 semana, procurou criar articulações políticas e ações nacionalistas. O carinho e atenção dos portugueses com o integralista era visível, os principais veículos da imprensa noticiavam a presença do exilado e seguiam seus passos. O seu principal aliado no exílio era o periódico *Novidades*, que afirmou: “É Plínio Salgado um dos expoentes mais representativos do mundo lusitana de aquém e além Atlântico”.²⁷ O integralista por sua vez agradecia e exaltava a sociedade: “Portugal é o sítio onde eu gosto de estar... – afirmou na sua fala simples do interior de S. Paulo. Tenho aqui – continuou – muitas amizades, muitas relações”.²⁸ Essas relações não estavam somente no vínculo pessoal. Mais uma vez a defesa política portuguesa esteve em pauta no sentido de exaltar Portugal (e Espanha) como modelos políticos a serem seguidos pela sociedade cristã. Em entrevista, afirmou: “Sob o aspecto brasileiro, temos de apoiar

²⁶ SALGADO, Plínio. Plínio Salgado (Brasil) de visita a Lisboa. *Entrevista*. Lisboa: Rádio Clube Português/Estação da Parede, 19 de abril de 1962. Programa de Rádio (R.T.P. AHDB8793).

²⁷ Idem. A melhor defesa estratégica do ocidente tem sido a política portuguesa em África (entrevista). *Novidades*, Lisboa, 12 maio. 1962.

²⁸ Idem. A entrevista do dia: Dr. Plínio Salgado (escritor e político brasileiro). *Diário Ilustrado*, Lisboa, 15 maio 1962.

Portugal. Portugal e Espanha. A Península Ibérica é um dispositivo admirável que o comunismo se esforça a todo o transe por conquistar todo o Ocidente”.²⁹

Plínio ressaltou a existência de um forte grupo parlamentar brasileiro a favor de Portugal no problema colonial que ainda era temática dominante no Estado Novo. Ao jornal *Diário de Notícias* destacou: “Estive com alguns parlamentares brasileiros que vistaram Angola, Moçambique e a Metrópole. Posso dizer, pelo que ouvi, que Portugal conquistou verdadeiros amigos defensores da sua causa”.³⁰

A discussão em torno do modelo de honradez cristã existente na Península Ibérica contra o comunismo, continuou por vários anos. Em 1964 ocorreu o fim da “democracia” brasileira e, com o golpe civil-militar, de que um dos sustentáculos foram os integralistas, principalmente através do discurso anticomunista, inaugurou-se no Brasil a maior ditadura, que inclusive ocasionou o fim do Partido de Representação Popular; no entanto, muitos – inclusive o próprio Plínio Salgado – tinham a expectativa de ser o momento de o integralismo brasileiro, a partir de 1964, finalmente, criar uma organização política-cultural verdadeiramente nacionalista corporativista, com a implantação do luso-brasileirismo, discurso presente até o fim da vida em 1975.

Publicações Periódicas

A Guarda. Guarda.

A Manhã, Rio de Janeiro.

Boa Nova, Cantanhede.

Diário da Manhã. Lisboa.

Diário da Noite, Rio de Janeiro.

Diário da Noite. Rio de Janeiro.

Diário de Notícias, Lisboa.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro.

Diário de São Paulo, São Paulo.

Diário Ilustrado, Lisboa.

Folha da Manhã, São Paulo.

Idade Nova. Rio de Janeiro.

Monitor Populista. Rio de Janeiro.

Novidades, Lisboa.

²⁹ Idem. A melhor defesa estratégica do ocidente tem sido a política portuguesa em África (entrevista). *Novidades*, Lisboa, 12 maio. 1962.

³⁰ Idem. Somente a imaturidade ou a decadência poderão permiti que os Estados Unidos ou a Inglaterra trabalhem contra os seus próprios interesses (entrevista). *Diário de Notícias*, Lisboa, 13 maio 1962.

Resistência, Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no Pós-Guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

_____. *O Integralismo no processo político brasileiro – A trajetória do Partido de Representação Popular (1945-1965) – Cães de guarda da ordem burguesa*. 2005. 819f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

GONÇALVES, Williams da Silva. *O realismo da fraternidade: Brasil-Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

OLIVEIRA, César. Oliveira Salazar e a política externa portuguesa: 1932/1968. In: ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (Org.). *Salazar e o salazarismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

SALGADO, Plínio . Atualidades brasileiras: comentários na imprensa de 1950-1952 In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Américas, 1956. v. 16, p. 347-449

_____. Entrevista à *Associated Press* concedida por Plínio Salgado, em abril de 1945. In:

_____. *O integralismo perante a nação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950. p. 202-204.

_____. Trigesimo aniversário da Ação Integralista Brasileira e a atualidade de seus princípios filosóficos (06-04-1962). In: _____. *Discursos parlamentares*. Seleção e introdução de Gumercindo Rocha Dorea. Série Perfis Parlamentares, Brasília: Câmara dos Deputados, 1982. v. 18. p. 465-486.